

HEILBORN, Maria Luiza. "Gravidez na Adolescência: considerações preliminares sobre as dimensões culturais de um problema social" In VIEIRA, Elisabeth M., FERNANDES, Maria Eugenia L., BAILEY, Patricia e McKAY, Arlene. (orgs.). *Seminário Gravidez na Adolescência*, Saúde do Adolescente - Ministério da Saúde, Projeto de Estudos da Mulher/Family Health International, Associação Saúde da Família. Rio de Janeiro, 1998, p. 23-32.

**Gravidez na Adolescência:
considerações preliminares sobre as dimensões culturais de um problema social¹**

Maria Luiza Heilborn²

A consideração sobre o fenômeno da gravidez precoce no Brasil merece, de saída, alguns reparos que devem nos ajudar a tentar equacionar o problema de seu relativo crescimento no país nas duas últimas décadas.

Essa questão se insere no contexto particular da transição demográfica brasileira, caracterizando-se esta, no final da década de 90, por uma queda da taxa total de fecundidade ao nível de reposição das gerações e também pelo aumento significativo da taxa de uso da contracepção feminina. Contudo, a idade das mulheres no momento do nascimento do primeiro filho tende também a diminuir, contrariando as expectativas que o quadro anterior - o da transição demográfica - poderia suscitar. Este tem sido o cenário de que algum modo alerta os especialistas e preocupa, em diferentes planos, os formuladores e implementadores de políticas públicas no país.

O quadro suscita inquietações por duas dimensões implicadas nesse horizonte: há uma tendência de alta na incidência de gravidez adolescente no Brasil e também aumenta, de modo muito mais tênue é verdade, a precocidade dessas gestações. Tais aspectos atraem a atenção social de um lado porque em que pese a recente tendência ao envelhecimento da população, o contingente jovem ainda é expressivo no país de outro lado, uma nova sensibilidade quanto à idade adequada de ter filhos e o contexto no qual a maternidade se apresenta vem sendo gestada.

Na qualidade de antropóloga proponho-me a intervir no debate buscando uma *desnaturalização* do problema. Essa postura, típica dessa formação profissional, não visa diminuir as preocupações dos demais especialistas envolvidos nas discussões, mas buscar salientar outros aspectos que podem estar presentes nesse fenômeno, e que o transcendem largamente. Se é razoável essa leitura relativizadora do fenômeno, ela talvez permita formular políticas públicas com maior acerto, considerando-se a abrangência das questões envolvidas

A primeira ressalva diz respeito ao modo como o problema da gravidez na adolescência vem

¹ Este artigo retoma algumas das considerações iniciais proferidas por ocasião do Seminário Gravidez na Adolescência, realizado no Rio de Janeiro em 31 de julho de 1998. Incorporei alguns dos comentários que me foram feitos na oportunidade, em especial os de Felícia Madeira. Se todos os reparos não foram absorvidos de maneira devida, isso deve ser debitado exclusivamente a mim.

² Professora Adjunta do Instituto de Medicina Social (IMS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

sendo construído e que importa numa mudança da percepção social das idades. É necessário constatar que as expectativas sociais diante da idade se alteram sócio e historicamente, o que em dado momento é tido por aceitável e “natural” em outro contexto considera-se inaceitável. A literatura sócio-antropológica que tem lidado com o tema da idade adota o termo geração para cumprir o projeto de relativização do tema e distanciar-se dos fortes laivos bio-médicos que a palavra idade pode reter. Trata-se de colocar em perspectiva o fato da idade não ser uma dimensão meramente natural. Dentro do debate sobre a gravidez na adolescência há que se manter em vista que esta etapa da vida precisa ser objeto de desnaturalização de nossos pressupostos na mesma linha em que a infância foi largamente desconstruída pela perspectiva adotada nos trabalhos de Ariés (1978). O referido autor salientou que essa etapa ganhou contornos especiais pela mudança da mentalidade que ele denominou de “invenção de um sentimento da infância”. Esse período tornou-se uma etapa exigente de maiores cuidados e atenção como um dos processos característicos da trajetória das sociedades ocidentais coincidente com o processo de nuclearização da família; também a adolescência tem sido mais recentemente objeto desse mesmo investimento de significado no sentido de reservá-la como uma etapa de transição para a vida adulta e que nesse sentido deve estar reservada prioritariamente à dedicação aos estudos que visariam capacitar esses jovens sujeitos a um ingresso melhor no mercado de trabalho, condição futura de suas vidas. Contudo, vale lembrar que aquilo que hoje se abriga sob o rótulo de gravidez na adolescência refere-se a uma faixa etária de 14 a 18 anos que, por muito tempo e nos seus últimos segmentos etários, foi considerada a etapa ideal para a mulher ter filhos.

Assim estamos diante de um problema que muda seu ângulo de apreciação consonante com as preocupações de uma determinada agenda social. Certamente há um outro problema aí embutido, e que particularmente sensibiliza os profissionais de saúde, que é a ocorrência cada vez mais notada, ainda que estatisticamente não tão significativa, da gravidez entre meninas de 10-14 anos. Com tal reparo chamo atenção para o fato de ser necessário introduzir marcas nesse campo indiferenciado denominado gravidez na adolescência, justamente no sentido de salientar que esse grupo etário compreende experiências sociais muito diversificadas ainda que quando apenas considerado o fator idade (isso sem mencionar o quesito classe social).

Este esboço de reflexão apóia-se nas contribuições preliminares de uma equipe de pesquisadores que tem o intuito de investigar, de modo comparativo, tal questão no âmbito de um projeto de pesquisa intitulado “Gravidez na adolescência: estudo multicêntrico sobre jovens, sexualidade e reprodução no Brasil”. Este projeto ainda se encontra em fase final de elaboração, mas é partir das discussões do mesmo que me habilito a entrar de maneira incipiente nesse debate.

O mencionado projeto de pesquisa³ visa verificar as condições e a expressão em que se dá o

(UERJ).

³ A equipe do projeto está constituída por Estela Leão Aquino (Programa de Estudos em Gênero, Mulher e Saúde – ISC/UFBA)epidemióloga, Maria Luiza Heilborn (Programa em Gênero, Sexualidade e Saúde – IMS/UERJ), Michel Bozon (Institut National d’Études Démographiques – Paris)sociólogo, Ondina Fachel Leal (NUPACS – IFCH/UFRGS) antropóloga. Conta ainda com a assessoria de Tania Salem (antropóloga) e , Jandyra M. G. Fachel (Departamento de Estatística – UFRGS).

crescimento da gravidez precoce no país. Nosso intento é realizar uma pesquisa sócio-antropológica em um survey em tres estados brasileiros. Tal enfoque permitiria descrever as razões que produzem esse quadro de tanta repercussão adquire enquanto problema de saúde pública e de planejamento de políticas sociais. Concebido nos moldes de uma abordagem antropológica, que envolve a consideração do sistema de práticas e de representações sociais, a investigação buscará situar as determinações sociais do fenômeno - em sua articulação estreita com o que se convencionou chamar de cultura sexual brasileira (Parker, 1991), com as relações de gênero (Heilborn, 1984 e 1993) e de gerações (Bozon, 1994), inseridas nas condições materiais de existência. Não é possível isolar o fenômeno da gravidez adolescente de um contexto maior do que são os roteiros sexuais (Gagnon, 1990) que modelam a experiência da sexualidade e nos fornecem cenários sobre a socialização dos gêneros, da inserção dos jovens em determinadas configurações de família, redes de sociabilidade, em suma nas teias sociais que condicionam suas trajetórias biográficas e sociais. Temos também em nosso horizonte avaliar o conhecimento sobre contracepção e doenças sexualmente transmissíveis e Aids (Monteiro, 1998) bem como o acesso aos serviços de saúde. O enfoque dessa futura investigação dirige-se para a compreensão do fenômeno da gravidez na adolescência e de suas conseqüências para as trajetórias biográficas. Busca-se uma reconstrução retrospectiva das trajetórias afetivo-sexuais da adolescência, o que seria alcançado pela escolha de um universo de jovens numa faixa etária ligeiramente superior à da adolescência, estritamente definida. Com tal recorte teremos condições de avaliar o impacto e as conseqüências desse possível fato nas trajetórias biográficas e sociais. Um outro elemento que deve ser considerado é em que medida podemos aproximar a possível ocorrência da gravidez na adolescência experienciada por jovens de diferentes inserções sociais. Qual o seu significado? Em que medida as condições materiais de existência e configurações simbólicas particulares definem soluções diferenciadas para esse acontecimento nas vidas dos jovens de ambos os sexos?

Creio que a maneira mais profícua de relativizar o fenômeno, ótica que mencionei no começo deste artigo, é situá-lo no contexto de uma transição para a vida adulta (ainda que não consciente para os sujeitos envolvidos), etapa na qual determinadas práticas sociais e significados modelam a construção do gênero, a experiência da sexualidade, da reprodução e da contracepção.

Um novo contexto cultural

Quando se analisa aspectos relativos a mudanças no campo dos comportamentos e valores relativos às relações entre os gêneros, a sexualidade e às concepções de família é inevitável mencionar-se o impacto da chamada cultura dos anos 60 no Brasil. A expressão de fato não se refere propriamente à década, mas a um conjunto de transformações no plano das mentalidades que se articula com uma série complexa de outros fenômenos que têm lugar nas esferas econômica, política, demográfica etc... Vou submeter essa série de mudanças a uma leitura que não privilegia a causalidade direta entre os fenômenos, mas sim aos seus nexos significativos ou elos de propiciamento.

A partir dos anos 60, grosso modo, o Brasil assiste mudanças significativas no que toca o

perfil da estratificação sócio-cultural dos setores sociais, sobretudo os dos grandes centros metropolitanos. Observa-se uma forte concentração de renda, que intensifica a demarcação das classes sociais e dá origem a um mercado de consumo sofisticado e excludente; ocorre a acentuação do processo de nuclearização da família, a ampliação da educação, mas uma expansão considerável do ensino superior; é crescente a importância da comunicação de massa, permitindo como nunca antes via televisão a difusão de estilos de vida antes desconhecidos pelos diversos segmentos da população; dá-se a eclosão do movimento feministas e a apresentação pública de uma agenda visando a diminuição das desigualdades entre os sexos e ocorre ainda uma relativa liberalização do tema do homossexualismo. São variados fatores de diferentes ordens que alteram as relações entre as classes, os gêneros e a expressão da sexualidade no país, mas que se pode dizer que tiveram entre as camadas médias e altas da população o seu palco privilegiado.

Análises antropológicas realizadas sobre segmentos de camadas médias (cf. Velho, 1985 e 1997; Salem, 1985 e 1989; Russo, 1991) têm insistido que o domínio dos valores relativos à família ostenta significativas alterações e salientam que essas mudanças são expressivas de uma ideologia igualitarista que vem ganhando espaço no país, contrapondo-se ao caráter tradicional da sociedade brasileira (cf. Da Matta, 1979). Os traços pertinentes de tal ideário explicitam-se na contestação da distinção de gênero como conformadora da unidade e dinâmica conjugais, na afirmação da liberdade do exercício da sexualidade para os dois sexos fora dos parâmetros de uma relação estável, na proliferação de arranjos conjugais, na ampla aceitação do divórcio e também da maternidade voluntária fora do casamento.

Ao encampar que a cultura desses segmentos sociais gira em torno do individualismo enquanto sistema de valores, a referida literatura tem adotado, ainda que com nuances entre os autores, a perspectiva dumontiana de análise (Dumont, 1992)..

Dentro dessa mesma perspectiva uma outra literatura tem-se dedicado às classes trabalhadoras urbanas. Um conjunto de trabalhos abraça a interpretação sobre a especificidade cultural desses segmentos, tomando tal perspectiva como um tipo ideal, em que determinados princípios organizadores dessa cultura são colocados em relevo, contrastando com uma (outra) ordem simbólica, aquela vigente nas classes médias urbanas brasileiras. Esta abordagem acolhe a idéia da existência de pelo menos duas grandes matrizes culturais presentes nas sociedades contemporâneas. Uma delas que designamos como dominante, ou hegemônica, e que gira em torno do individualismo; e a outra dominada que possui uma lógica holista, cujos preceitos internos são antagônicos aos da primeira matriz. O modelo dumontiano caracteriza o individualismo como moderno e a configuração holista enquanto tradicional e funciona como um tipo-ideal nos termos formulados por Weber (1974). Nesse sentido por tratar-se de um **modelo**, ele resgata traços pertinentes da organização simbólica e prática, mas evidentemente não é a reprodução espelhada da pluralidade de situações que se podem encontrar na realidade concreta. O ponto relevante dessa interpretação é salientar que os processos de construção da pessoa⁴, leia-se de sua visão de mundo e *ethos*, são bastante diferenciados nessas

⁴ Pessoa é a categoria antropológica para dar conta da dimensão social de constituição dos seres humanos. Evita-

duas culturas, dando origem a formas específicas de modelação da subjetividade, dimensão particularmente importante no que concerne o tema da sexualidade, da reprodução (biológica e social) e da saúde, dimensões implicadas no fenómeno da gravidez na adolescência.

Trabalhos de cunho antropológico e sociológico têm procurado discernir os traços mais pertinentes e a lógica mais profunda do universo cultural das classes trabalhadoras, afirmando a existência de uma racionalidade própria, que em conjunto, destoa dos valores vigentes no modelo cultural vigente nas camadas médias (Alvim e Leite Lopes, 1990; Caldeira, 1984; Duarte, 1984 e 1986; Rodrigues, 1978; Salem, 1981 e Sarti, 1996). A configuração dos valores dos grupos populares pode ser resumida em três pilares: *família, trabalho e localidade* (Duarte, 1986). A ênfase no valor da família exhibe seu maior vigor no que se refere à prevalência do grupo sobre o indivíduo na constituição da identidade social dessas pessoas. Estruturada em termos de uma relação hierárquica entre os sexos e as categorias de idade, essa ordenação simbólica da família ganha maior nitidez quando confrontada com o modo individualizante do modelo presente entre os segmentos de camadas médias na sociedade brasileira. Este modelo tem no *indivíduo, na sociabilidade e na ocupação* o eixo de estruturação dos sujeitos sociais (Heilborn, 1997). Manter em foco a *diferença* entre estas duas lógicas culturais é crucial para a compreensão dos fenómenos ligados à sexualidade e à reprodução e às relações de gênero⁵.

Nos grupos populares, a preeminência detida pela família, que pode ser apreendida empiricamente como grupo doméstico, ganha corpo através da centralidade que desempenha na trajetória de vida desses sujeitos. Tal importância deriva do sentido de totalidade que a família encarna, possibilitada pela interqualificação ou complementaridade das identidades sociais. O todo relacional representado na família exprime-se através de uma divisão do trabalho entre os gêneros, que é, a um só tempo, moral e material. Esse universo simbólico articula de forma muito íntima gênero e idade, o que se expressa no grupo de irmãos, na oposição entre o mais velho e o mais novo, cujo paradigma é a relação entre pais e filhos. Nesse tipo de família dá-se a prevalência do adulto, contrastando com a lógica que norteia o modelo moderno de famílias de camadas médias, onde reina a figura da criança, gerada pelo "sentimento da infância" (Ariès, 1978). Essas considerações visam colocar em relevo os procedimentos de contextualização necessários para salientar que se o fenómeno da gravidez na adolescência está presente em diferentes segmentos sociais, ele certamente admite configurações distintas em função de um universo mais amplo de valores que estruturam os horizontes subjetivos e sociais das pessoas.

Vale esclarecer que adoto uma determinada postura analítica ao traçar este quadro de

se propositadamente o termo indivíduo como meio de desnaturalizar os pressupostos embutidos numa noção ocidental moderna de pessoa, a saber sujeito do livre arbítrio, possuidor de uma interioridade e singularidades irreduzíveis ao grupo.

⁵ A partir de uma abordagem estruturalista, concebe-se gênero como uma relação de natureza assimétrica. Sua lógica distingue, ao mesmo tempo que entrelaça, as categorias de masculino e feminino num certo padrão de ordenação da cultura (Heilborn, 1993). Este exprime-se num elenco de propriedades simbólicas que se caracterizam por atributos relacionais de marcação/descontinuidade/diferenciação/deslocamento, constituindo-se assim no vetor de construção das identidades sociais masculinas. Já o gênero feminino estruturalmente está comprometido com atributos contrastivos de não-marcação/continuidade/indiferenciação/permanência, devido à

considerações culturais em torno do fenômeno gravidez na adolescência, que é a de assumir a existência de sistemas simbólicos distintos ao interior de uma sociedade complexa, que mantém relação entre si, mas não se confundem em suas lógicas mais profundas. Uma das críticas mais freqüentes que esse tipo de interpretação tem se deparado é a de que os setores populares ou as classes trabalhadoras urbanas não seriam bem retratados por esse modelo que, aparentemente, falaria de uma cultura à parte daquela que é hegemônica. O segundo grupo de ressalvas refere-se à afirmativa da existência de uma pluralidade de inserções de classe e de diferenças simbólicas significativas estampadas nos estilos de vida dos grupos populares. Um dos argumentos fortes tem sido o de que a cultura de massas, sobretudo expressa na televisão, que atinge cerca de 90% dos lares brasileiros, estaria dissolvendo as fronteiras entre os valores de um universo e de outro, fazendo com que a aplicação desse modelo fundado em tipos ideais fraquejasse em sua capacidade interpretativa. Segundo Alba Zaluar (1984) esses setores populacionais estão mais 'vulneráveis' aos apelos de uma sociedade de massa, moderna e individualista. O estilo de consumo e a demanda pelo acesso a um padrão de consumo maior do que o de seu grupo de origem estariam provocando uma mudança na dimensão holista da matriz cultural nesses segmentos, sobretudo entre os jovens. No tocante à reprodução e sexualidade, Jeni Vaitsman (1997) tem afirmado o mesmo argumento em relação às mulheres trabalhadoras.

Em diferentes trabalhos (Heilborn, 1997, Heilborn e Gouveia, 1997 e Gouveia, 1997) fundados na coleta de entrevistas e observação participante junto a tais grupos tem-se notado a presença de elementos típicos de um ideário de mundo relacional. Tal presença é apreendida, sobretudo, no que se refere aos valores morais em torno do casamento, da maternidade e da família como eixos estruturadores da pessoa e na permanência de uma lógica assimétrica de gênero, que é o melhor retrato de uma ideologia não moderna.

Meu principal reparo a essas críticas é dizer que buscamos qualidades inerentes a cada um desses universos justamente fundadas na perspectiva comparativa entre os sistemas simbólicos e que, como modelo, a análise é necessariamente voltada para eixos estruturadores, abdicando contemplar diferenças menores.

No espaço urbano presencia-se a convivência de diferentes códigos culturais que caracterizam as múltiplas inserções que uma sociedade complexa e heterogênea apresenta. Os segmentos populares encontram-se expostos de modo bastante intenso à presença de um sistema cultural hegemônico, representado pela ideologia individualista, que também é a coluna dorsal do ordenamento político-jurídico da nação. Refiro-me aqui às já propaladas dificuldades patentes no processo de cidadanização das classes populares (Duarte et al., 1992). Contudo, quando se fala em cultura dominada não se supõe, que ela represente um conjunto apartado da modernidade, mas que ela mantém uma lógica peculiar de leitura do mundo, que colide com os pressupostos centrais dessa modernidade; e ainda assim, a eles se submete em certas circunstâncias. Cumpre acrescentar que determinados enunciados, aparentemente reveladores de modernidade, são veiculados nos discursos

relação de complementaridade hierárquica que mantém com sua contraparte.

desses grupos e despontam nas falas de informantes de setores populares. Avaliar o modo como se dá a coexistência dessas representações deve ser central nas análises sobre gravidez na adolescência, pois cremos que se presencia um atravessamento parcial da cultura individualista no contexto cultural dos grupos subordinados.

O campo da sexualidade, e o modo como ele tem sido caracterizado como uma dimensão relevante para os sujeitos na modernidade, é exemplar desse modo distintivo de ser presente nos grupos populares. É importante manter em perspectiva que sexualidade e atividade sexual não são sinônimos. O termo sexualidade refere-se à construção histórica de uma dimensão interna aos sujeitos (Vance, 1995), profundamente imbricada num modelo particular de construção da pessoa, que pressupõe uma interiorização e também individualização como traços modeladores da subjetividade.

Na modernidade existe uma dissociação das diversas esferas do mundo social. Há uma compartimentação do sexual da esfera conjugal e familiar mais ampla, transformando-o num domínio portador de sentido em si mesmo (Foucault, 1988); entretanto, as classes trabalhadoras compartilham distintamente destes códigos sociais hegemônicos. Ao contrário dos segmentos médios, a estruturação da visão de mundo é holista. Pode-se dizer que para os grupos populares, a sexualidade não se constitui em domínio de significação isolada; sexo e prazer estão encompassados por uma alusão à uma moralidade mais abrangente (Duarte, 1996). Isto significa sustentar que a sexualidade não se apresenta como referência básica para a definição identitária (contrastivamente aos segmentos modernos) e tampouco é objeto de um discurso específico, ou melhor, não se constitui como uma instância de exercício de apreensão racional, abstrata. O sentido de moralidade merece ser esclarecido. Não se trata de afirmar que a sexualidade (dos setores classificados como modernos) desconhece regras e, nesse sentido, isso também constitui uma moral. Entretanto o uso do termo moralidade nos grupos populares conota uma dimensão mais englobante, aponta para uma articulação mais estreita entre valores relativos ao sexo, a família, ao gênero e a uma concepção de reciprocidade. Nesse plano, contrasta com o tipo ideal delineado para a sexualidade moderna, que confere um relevo significativo à atividade sexual, às sensações a ela conectadas e sobretudo à reflexão que a acompanha.

Nos termos da lógica holista o sexo está subsumido a uma ordem moral-familiar, organizadora do mundo, que se expressa na dimensão verdadeiramente moral, e de gênero, da gramática sexual. Na representação feminina, o sexo é um item básico na engrenagem relacional; é um dos elementos da contra-dádiva, que a relação conjugal enseja, conformada por uma distribuição das obrigações familiares entre os gêneros.

- O argumento em pauta é o de salientar de que modo apesar da sexualidade não se constituir como uma área passível de reflexão sistemática e racional e foco principal de estruturação da pessoa, o sexo pode ser um elemento importante de negociação das relações entre os gêneros. Uma forte ênfase no controle da conduta sexual da mulher caracteriza a lógica moral, e este controle é exercido pelo grupo familiar e pelas redes de vizinhança. As trajetórias de iniciação amorosa e sexual dos jovens de camadas trabalhadoras estampam as diferenças atribuídas e

vividas pelos dois sexos, no período da adolescência. Nesse momento, a mulher está exposta ao mercado sexual de forma problemática. Convivem a vigilância da conduta sexual feminina, exercida pelo grupo doméstico, e a premência de um jogo de sedução, por parte da jovem, que tem como principal alvo a realização da aliança. É justamente nesse embate que se podem explicar os eventos de gravidez adolescente que se multiplicam. O contrário acontece na socialização do rapaz. Nele são incitadas *agressividade e indisciplina* sexual, símbolos centrais para aquisição da masculinidade; ao mesmo tempo que, em seu processo de construção identitária, tal conduta convive com um valor moral: o ideal de respeito e amor à família e à mulher escolhida, expresso na forte oposição estabelecida, por ele, entre mulher de farra x mulher de família (Heilborn e Gouveia, 1997, Bozon e Heilborn, 1996 e Monteiro, 1998).

- Um grande debate tem-se travado no sentido de situar em que medida as mudanças no plano dos comportamentos sexuais, das categorizações de gênero e nas concepções de família foram também observadas nos segmentos populares e mais desfavorecidos da população brasileira. Sabe-se com certeza que a queda da fecundidade feminina vem implicando a redução do tamanho das famílias nas classes trabalhadoras urbanas igualmente, mas tal fenômeno não parece ter as mesmas repercussões no que concerne a concepção de infância, vínculo conjugal e relações entre os gêneros. Tem-se travado uma acirrada discussão sobre a modernização desses setores sociais e em que medida o individualismo estaria transformando as concepções tradicionais de família e os valores e papéis de gêneros nesse universo. Vários trabalhos têm salientado as transformações nas formas mais ou menos institucionalizadas dos relacionamentos entre os sexos (Rief, 1998 FCC) com o aparecimento do modelo *ficar* substituindo em parte o padrão namorar/ casar. Uma questão passível de ser colocada é em que medida o crescimento da gravidez na adolescência relaciona-se com os processos mais gerais de constituição e ruptura da aliança? O *ficar* tem introduzido formas de contatos corporais específicas enquanto etapa da interação afetiva e sexual entre os jovens. Em que medida as mudanças relativas a essa liberalização dos contatos entre os jovens relaciona-se com o possível crescimento da gravidez precoce.

Algumas hipóteses para futura discussão

À guisa de conclusões (muito) provisórias posso alinhar algumas idéias diretivas que a equipe de pesquisadores do projeto "Gravidez na Adolescência: estudo multicêntrico sobre jovens, sexualidade e reprodução no Brasil" está considerando como relevantes.

A gravidez adolescente, quando levada a termo, pode estar significando um projeto de negociação, bem sucedido ou não, que permitiria realizar a transição para um outro *status*, seja conjugal, seja o de maioria social. Esta hipótese contempla a idéia de uma possível aquisição de autonomia pessoal no domicílio parental ou novos arranjos residenciais.

A concepção pode constituir-se como uma experiência corporal significativa que permitiria às jovens testarem a dimensão reprodutiva de sua identidade feminina.

O fenômeno da gravidez adolescente, sendo um indicador da iniciação sexual das jovens, significaria a emergência de novos valores relativos à virgindade feminina na sociedade brasileira. Esta hipótese viria ao encontro de dados etnográficos já recolhidos em diversos trabalhos de orientação antropológica que têm assinalado o fato da virgindade estar perdendo o caráter hegemônico de significativa da conduta moral feminina, verdadeiro divisor de águas entre as moças direitas e as "perdidas". Nesse sentido, conceder ter relações sexuais com um certo parceiro não mais seria garantia, como o fôra em tempos passados, de "arranjar compromisso". A gravidez poderia estar representando portanto uma espécie de ressemantização da dádiva, dádiva que ainda ordenaria a concepção de relações sexuais entre homens e mulheres. Estamos com isso tentando salientar que transformações ocorridas no campo da moral sexual nas últimas décadas da sociedade brasileira expressas nessa aparente liberalidade do exercício da sexualidade precoce, traduz apenas em parte uma modernização dos costumes, uma vez que não abandona de todo seu caráter tradicional de provável estratégia matrimonial ao alocar sobre a possível maternidade um apelo ao compromisso da aliança.

Entendemos também que a etapa da juventude constitui-se como um momento de experimentação do repertório possível das práticas sexuais e das preferências no domínio erótico. A articulação entre os modos de sexualidade e seus roteiros revelam demarcações de gênero significativas. Soma-se a isso que nesse quadro os jovens (sobretudo as do sexo feminino) devem deparar-se com a questão das chamadas escolhas reprodutivas, com todas as ressalvas que tal termo voluntarista implica. A contracepção regular é uma transição importante na trajetória feminina. E nesse sentido, nos perguntamos quais são as condições necessárias para que tal decisão seja tomada. Qual a vinculação dessa iniciativa de acordo com as formas de relacionamentos com os parceiros. Cremos que a gravidez adolescente pode estar vinculada à recategorização dos modos de relacionamentos juvenis observados recentemente, tais como o aparecimento do sistema ficar/namorar em substituição ao modelo mais tradicional que prevalecia na sociedade brasileira do namoro/casamento (Heilborn, 1984).

Referências Bibliográficas

- ALVIM, Rosilene & LOPES, José Sérgio (1990). "Famílias operárias, famílias de operárias", in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, nº 14, ano 5. Rio de Janeiro, outubro [7-17]. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1978.
- BOZON, M. «La découverte du conjoint, I et II», *Population*, 1987, 6, p. 943-986 et *Population*, 1988, 1, p. 127-150 (avec F. Héran).
- _____. «Les femmes et l'écart d'âge entre conjoints. Une domination consentie, I et II» *Population*, 1990, 2, p. 327-360, et 3, p. 565-602.
- _____. «Les premiers rapports sexuels, hier et aujourd'hui», «Les pratiques sexuelles au cours de la vie», p. 128-133, «Comprendre la violence sexuelle», p. 214-220, in A. Spira, N. Bajos et

- groupe ACSF, *Analyse des Comportements Sexuels en France*, Paris, La Documentation Française, Collection Rapports, 1993, p. 214-220.
- _____. «Les constructions sociales de la sexualité», *Population*, 5, 1993, p. 1173-1196 (avec H. Leridon).
- _____. «L'entrée dans la sexualité adulte. Le premier rapport et ses suites», *Population*, 5, 1993, p. 1317-1352.
- _____. « Les enjeux des relations entre les générations à la fin de l'adolescence », *Population*, 6, 1994, p. 1527-1555 (avec Catherine Villeneuve-Gokalp).
- _____. «Amor, sexualidade e relações sociais de sexo na França contemporânea» *Revista Estudos Feministas*, n. 1, 1995, p. 123-135.
- BOZON, Michel e HEILBORN, Maria Luiza. Les caresses et les mots: initiations amoureuses à Rio de Janeiro et à Paris in *Terrain*, n. 27. Paris: septembre de 1996.
- BOZON, Michel. «Comportements sexuels et transformations sociales. Lieu et rythme des changements, facteurs d'immobilité», *Population*, 6, 1997, p. 1363-1366. Présentation d'un dossier d'articles
- _____. «Le lieu de la sexualité. La construction biographique des orientations intimes», Communication au Groupe de Travail Sexualidade e subjetividade, Colloque National de l'ANPOCS, Caxambú, Brésil, 21-25 octobre 1997.
- _____. «Amour, désir, durée. Cycle de la sexualité conjugale et rapports entre hommes et femmes» in Bajos, Bozon, Giami et al., *La sexualité aux temps du sida*, Paris, Presses Universitaires de France, 1998, p. 175-234.
- DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. Pouca Vergonha, Muita Vergonha: sexo e moralidade entre as classes trabalhadoras urbanas. Trabalho apresentado IV Encontro Nacional da ABEP, 1984.
- _____. *Da Vida Nervosa nas Classes Trabalhadoras Urbanas*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1986.
- DUMONT, Louis. *Homo hierarchicus*. Brasília, Editora da Unb, 1992.
- _____. *O Individualismo - uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro, Rocco, 1985.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro, Graal, 1988.
- FRANCHETTO, Bruna; CAVALCANTI, Maria Laura & HEILBORN, Maria Luiza. "Antropologia e Feminismo", in *Perspectivas Antropológicas da Mulher*, n. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- GAGNON, John 1990 - The implicit and explicit use of sexual scripts in Annual Review
- GOUVEIA, Patrícia. Uma 'mulher de verdade': estudo sobre identidade feminina em grupos populares. Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais/UERJ, 1997.
- HEILBORN, Maria Luiza. "Visão de Mundo e Ethos em Camadas Médias Suburbanas", in *Ciências Sociais Hoje*. São Paulo: Cortez, 1984.
- _____. "Dois é par: conjugalidade, gênero e identidade sexual em contexto igualitário". Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em antropologia Social, Museu Nacional, UFRJ, tese de

- doutoramento, 1992, 353 p..
- _____. "Vida a dois: conjugalidade igualitária e identidade sexual", in Anais do VIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, volume 2. São Paulo, Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP), 1992, p. 143-156.
- _____. "Gênero e hierarquia: a costela de Adão revisitada", in *Revista Estudos Feministas*, vol. 1, n. 1. Rio de Janeiro, CIEC/ECO/UFRJ, 1993.
- _____. "Ser ou estar homossexual: dilemas de construção da identidade", in PARKER, Richard e BARBOSA, Regina (orgs.). *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.
- _____. "Gênero, Sexualidade e Saúde", in *Saúde, sexualidade e reprodução - compartilhando responsabilidades*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1996, p. 101-110.
- _____. "O traçado da vida: gênero e idade em dois bairros populares do Rio de Janeiro", in MADEIRA, Felícia. *Quem mandou nascer mulher? – estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil*. Rio de Janeiro: UNICEF, Editora Rosa dos Tempos, 1997, p. 291-342.
- HEILBORN, Maria Luiza e GOUVEIA, Patrícia Fernanda. "Classes trabalhadoras, mulheres e sexualidade no contexto da AIDS", in GALVÃO, Jane (org.). *II Seminário Saúde Reprodutiva em Tempos de AIDS*, ABIA e Programa de Estudos e Pesquisa em Gênero, Sexualidade e Saúde - IMS/UERJ. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997, p. 43-54.
- HEILBORN, Maria Luiza. "Gênero: um olhar estruturalista" in PEDRO, Joana Maria e GROSSI, Miriam Pilar (orgs.). *Masculino, feminino, plural*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998, p. 43-55.
- HEILBORN, Maria Luiza e GOUVEIA, Patrícia Fernanda. "Marido é tudo igual: mulheres populares e sexualidade no contexto da Aids", in PARKER, Richard e BARBOSA, Regina Maria. Coletânea de textos produzidos pelos eventos financiados pela Fundação MacArthur. Campinas – SP: NEPO/UNICAMP, no prelo.
- LEAL, O. F.. "Sangue, fertilidade e práticas contraceptivas", in ALVES, P. (org.). *Antropologia médica*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- LEAL, O. F. et LEWGOY, B.. "Pessoa, aborto e contracepção", in LEAL, O. F. (org.). *Corpo e significado: ensaios de antropologia social*. Porto Alegre, Editora da Universidade - UFRGS, 1995.
- LEAL, O. F. e BOFF, A.. "Insultos, queixas, sedução e sexualidade: fragmentos de identidade masculina em uma perspectiva relacional", in PARKER, Richard e BARBOSA, Regina (orgs.). *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.
- LEAL, O. F.. "A violência e as suas formas", in ZAVASCHI, M. L. (org.). *A televisão e a violência: o impacto sobre a criança e o adolescente*. Secretaria da Justiça e da Segurança do Estado do Rio Grande do Sul, Comitê de Estudos da Violência. Porto Alegre, Secretaria do Estado da Justiça e Segurança e Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998, p. 61-62.
- MONTEIRO, Simone - título do seminário sexualidade, 1998
- PARKER, Richard. *Corpos prazeres e paixões*. Rio de Janeiro, Best Seller, 1991.
- PERISTIANY, John G. *Honra e vergonha - valores das sociedades mediterrâneas*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1971.

- RODRIGUES, Aracy Martins. *Operário, operária: estudo exploratório sobre o operariado industrial da Grande São Paulo*. São Paulo, Edições Símbolo, 1978.
- RUSSO, Jane. *O corpo contra a palavra*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1991.
- SALEM, Tania. "Conflito, poder e negociação na família: a questão geracional", in *Dados*, 23 (2):185-200, 1980.
- _____. "Mulheres faveladas: 'com a venda nos olhos'", in FRANCHETTO, B.; CAVALCANTI, M. L. e HEILBORN, M. L. (orgs.). *Perspectivas Antropológicas da Mulher*, n. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 49-99.
- _____. "Família em camadas médias: uma revisão da literatura recente", in *Boletim do Museu Nacional*, 54 (Nova Série – Antropologia). Rio de Janeiro, 1985, 29 p. Revisto e republicado sob o título de "Família em camadas médias: uma perspectiva antropológica", in *Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais*, 21: 25-40.
- _____. "Casal igualitário: princípios e impasses" in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 9, vol. 3. Rio de Janeiro, 1989.
- SARTI, Cynthia. *A Família como Espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. Campinas: Editora Autores Associados, 1996.
- VAITSMAN, Jeni. "Pluralidade de mundos entre mulheres urbanas de baixa renda", in *Revista Estudos Feministas*, vol. 5, n. 2. Rio de Janeiro, IFCS/UFRJ, 1997, p. 303-319.
- VANCE, Carole. "A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico", in *Physis*, vol. 5, nº 1. Rio de Janeiro, Relume-Dumará: IMS/UERJ, 1995.
- VELHO, Gilberto. "Nobres e Anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia". Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getulio Vargas, 1997
- _____. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985.
- WEBER, Max. *Economía y Sociedad. Mexico, Fondo de Cultura do Mexico*, 1974.